



# TECENDO DISTINTOS LAÇOS FAMILIARES: AS RELAÇÕES DE COMPADRIO DOS ESCRAVOS DO BARÃO ALFENAS – FREGUESIA DE SÃO TOMÉ DAS LETRAS DO TERMO DE BAEPENDI- MG. (SÉC. XIX)

Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 9 | Nº. 16 | Jan./Jun. de 2017

**Juliano Tiago Viana de  
Paula**

*Doutorando pelo Programa de Pós-  
Graduação em História da  
Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro - UFRRJ  
juvieiravp@hotmail.com*

---

## RESUMO

Neste trabalho pretendo examinar como foram tecidas as redes de compadrio dos escravos que mais apadrinharam crianças no Distrito de São Tomé do Termo de Baependi. Estes mancipios pertenciam a Gabriel Francisco Junqueiro, o Barão de Alfenas, proprietário da maior propriedade escravista da região. Assim examinaremos como estes cativos se ascenderam de distintas formas nesta grande unidade produtiva.

**Palavras-chave:** Compadrio, hierarquia e escravidão.

---

## RESUMEN

En este trabajo pretendo examinar cómo se tejieron las redes de compadrio de los esclavos que más apadrinaron a niños en el Distrito de Santo Tomé del Término de Baependi. Estos mancipios pertenecían a Gabriel Francisco Junqueiro, el Barón de Alfenas, propietario de la mayor propiedad esclavista de la región. Así examinaremos cómo estos cautivos se ascendieron de distintas formas en esta gran unidad productiva.

**Palabras clave:** Compadrio, jerarquía y esclavitud.

## COMPADRIO DE MARCELINO GUINÉ E RITA GUINÉ

Começaremos a analisar as relações de compadrio de um casal de escravos, nascida em algum ponto por nós desconhecido na África, provavelmente no início do século XIX. Estes foram Marcelino Guiné e Rita Guiné, os cativos mais antigo da Fazenda Campo Alegre.

Este casal de cativos viveu por muito tempo em Campo Alegre, examinando as listas nominativas e os registros paroquiais do distrito do São Tomé, vimos que este casal de africanos permaneceu junto por mais de 30 anos, durante todo este período presenciaram várias situações nesta fazenda, como o falecimento de alguns dos seus companheiros, o nascimento de crianças, o processo de adaptação dos além-mares, as punições dada aos escravos infratores e o tratamento que o Barão de Alfenas dava aos seus cativos. Também testemunharam vários acontecimentos importantes nesta casa senhorial, como nascimentos, casamentos e comemorações de festivais (incluindo aniversários) dos familiares do Barão de Alfenas.

Um dado importante a ser destacado, que Marcelino Guiné e Rita Guiné encontrava-se nesta fazenda quando eclodiu uma revolta escrava que deixou muitos feridos e mortos, conhecida como a Revolta de Carrancas. Neste levante escravo muitos dos familiares do Barão de Alfenas foram cruelmente assassinados, uma das vítimas foi o seu filho, o Juiz de Paz, Gabriel Antônio Francisco Junqueira, morto em confronto com um cativo. Consultando a lista dos cativos<sup>1</sup> envolvidos nesta insurreição, não encontramos os nomes de Marcelino Guiné e Rita Guiné, e nem dos outros mancipios que serão analisados neste trabalho, diante disto, podemos supor, que estes escravos avaliaram cuidadosamente as consequências que este levante poderia provocar em suas vidas, em outras palavras, estavam simplesmente agitando racionalmente a partir de um conhecimento perfeito das regras do jogo e de seus efeitos<sup>2</sup>.

Enfim, toda esta experiência de cativo contribuiu para que Marcelino Guiné e Rita Guiné tivesse um melhor entendimento dos códigos de normas e conduta da casa

---

<sup>1</sup> ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Rebeldia e resistência: as revoltas escravas nas províncias de Minas Gerais*. Dissertação Mestrado. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1996.

<sup>2</sup> LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p.262.

senhorial da qual faziam parte<sup>3</sup>. Além disto, todo este conhecimento permitiu que formassem uma extensa rede de compadrio, algo será visto nas próximas linhas.

**TABELA 1 - AFILHADOS DE RITA GUINÉ E MARCELINO GUINÉ, ESCRAVOS DO BARÃO DE ALFENAS**

Ano	Batizados	Pais	Mães	Senhores donos dos escravos e parentesco com Barão de Alfenas
1842	Procópio	Bonifácio	Marciana	Pe. Francisco de Andrade Junqueira (filho)
1842	Margarida	Serafim	Julia	Ten. Jose Procópio de Azevedo (genro)
1845	Manoel	Generosa	Balbina	Cap. Antônio Jose R. de Carvalho (genro)
1848	Generosa	Adriano Guiné	Lucinda Guiné	Pe. Francisco de Andrade Junqueira (filho)
1851	Tome	Joao Crioulo	Ana Crioula	Maj. Jose Ribeiro da Luz (genro)
1854	Francisca	Jose	Carolina	Ten. Jose Procópio de Azevedo (genro)
1854	Eva	Feliciano	Maria	Pe. Francisco de Andrade Junqueira (filho)
1855	Venâncio	Francisco Guiné	Cipriana Crioula	Pe. Francisco de Andrade Junqueira (filho)
1856	Malaquias	Venâncio	Iria	Ten. Jose Procópio de Azevedo (genro)
1857	Rita	Mizael	Fortunada	Antônio Gabriel Junqueira (filho)
1859	Joana	Rodrigo	Paula	Joaquim Tibúrcio Junqueira (filho)

**Fonte:** Registros Paroquiais de Batismo da Freguesia de São Tomé das Letras – Cúria Diocesana de Campanha, Minas Gerais.

Nesta tabela encontram-se as crianças que foram apadrinhadas por Marcelino Guiné e Rita Guiné, estes inocentes batizados e seus pais eram escravos dos filhos e genros do Barão de Alfenas, assim percebe-se, que este casal de africano teve suas redes de compadres circunscritas às propriedades da família Junqueira. Além disto, muitos escravos do Barão de Alfenas reproduziram a mesma lógica, mantiveram relações de compadrio somente com escravos assenhorados pelos parentes do Barão de Alfenas. Vimos apenas dois casos em que os escravos do Barão de Alfenas mantiveram laços parentais em escravarias de outras famílias.

<sup>3</sup> FRAGOSO, Joao R. L. Capitão Manuel Pimenta Sampaio, senhor do engenho do Rio Grande, neto de conquistadores e compadre de João Soares, pardo: notas sobre uma hierarquia social costumeira (Rio de Janeiro, 1700-1760). In: FRAGOSO, João e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs). *Na Trama das Redes: políticas e negócios no império português, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Apesar de Marcelino Guiné e Rita Guiné estreitarem laços somente com os escravos da família Junqueira, foram convidados por muitos cativos destas unidades para batizarem seus filhos, tornaram-se parentes espirituais de 11 famílias escravas, tudo indica que este mancipios eram requisitados no cativoiro.

No distrito de São Tomé das Letras do Termo de Baependi, este casal de africano encontrava-se no rol daqueles que mais apadrinharam crianças presas ao cativoiro, ou seja, enquadravam-se perfeitamente naquilo que a historiografia vem caracterizando como, os campeões de batismo<sup>4</sup>.

As famílias escravas que convidaram Marcelino e Rita para apadrinhar os seus filhos, não aparecem nos registros da localidade anterior ao ano de 1840, talvez estes cativos sejam recém-chegados que necessitavam ritualizar novos laços de sociabilidade com cativos experientes e em melhores situações na hierarquia do cativoiro.

Diante destas situações, podemos afirmar que os cativos não se enganavam ao ver vantagens em padrinhos que também eram escravos. Estes mancipios que convidaram Marcelino Guiné e Rita Guiné para batizarem seus filhos, poderia também escolher pessoas livres. Um escravo de prestígio no cativoiro poderia ser mais acessível e confiável, ou seja, alguém inclinado a ter maior consideração aos pais e ao afilhado e responder com mais rapidez e generosidade alguma necessidade. Cativos de consideração como Marcelino e Rita, poderiam ser mais eficazes do que os padrinhos livres pobres que mal conseguiam sobreviver em sociedade desigual e excludente. Em vez de buscar alianças com as fileiras incertas de homens livres de poucos recursos, estas famílias escravas recém-chegadas na região preferiram formalizar vínculos com cativos que poderiam prestar imediatos favores.

Na região de Bagé do Rio do Grande do Sul no século XIX, Marcelo Mateus notou casos semelhantes, de acordo com autor, o batismo nesta localidade, em geral, foi apropriado pelos escravos de maneira desigual, ou seja, havia aqueles para os quais a cerimônia cristã não parecia estar facialmente disponível, sugerido com razão que os

---

<sup>4</sup> FARINATTI, Luís A. E. *Os compadres de Estêvão e Benedita: hierarquia social, compadrio e escravidão na fronteira meridional do Brasil (1821-1845)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH – São Paulo, 2011. PINTO, Natália Garcia. *Parentes, aliados, inimigos: o parentesco simbólico entre os escravos na cidade de Pelotas, 1830/1850, século XIX*. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH: São Paulo, 2011. MATEUS, Marcelo Santos. *A produção da diferença: escravidão e desigualdade social ao sul do império do Brasileiro (Bage, c. 1820-1870)*, Tese de Doutorado, PPHGIS, 2016, p. 230-238.

cativos que puderam aproveitá-la, mais frequentemente viveram melhor a experiência da escravidão<sup>5</sup>.

Além disto, este raciocínio nos levar a refletir como Marcelino e Rita estavam melhores posições do que os seus compadres na hierarquia do cativo. Estas famílias escravas que os convidaram para apadrinharam seus filhos, nenhuma delas apresentaram uma ampla rede de compadres, tiveram apenas um ou dois filhos batizados e raramente eram chamados para serem padrinhos de alguém. Desta forma, para tornar mais ameno os problemas do cotidiano, tiveram que estreitar os seus laços com escravos detentores de amplos capitais relacionais no cativo.

O fato dos compadres de Marcelino Guiné e Rita Guiné terem comparecido poucas vezes nestas cerimônias católicas, isto não os excluía da comunidade cristã, por terem sido batizados na fé católica com elegibilidade para salvação eterna eram iguais perante o Deus e portadores de uma personalidade moral.<sup>6</sup>

Porém, no plano terrestre (social), os homens não eram considerados plenamente iguais, nem aqueles estavam sobre o jugo à escravidão, portando, cremos que os cativos que eram mais chamados a apadrinhar crianças estavam em uma posição social diferenciada, pois ao adquirirem um amplo capital relacional, tinham melhores condições de mobilizarem recursos disponíveis jogando em distintas situações<sup>7</sup>.

Enfim, aqueles escravos que recebiam vários convites para batizar crianças, como foi o caso de Marcelino e Rita, estariam em uma posição social privilegiada frente aos demais pares, tornando assim, mais intensa, as diferenças que eram produzidas no interior das escravarias<sup>8</sup>.

Os assentos paroquiais em que Marcelino Guiné e Rita Guiné aparece como padrinhos, nos fala um pouco de suas ascensões sociais intracativo, constatei que, em várias atas batismais, suas procedências africanas não foram anotadas pelo pároco da Matriz de São Tomé, foram qualificados como “guiné” em apenas dois registros de batismo, nos demais eram referidos pelos seus nomes e nada mais.

---

<sup>5</sup> MATEUS, Marcelo Santos. A produção da diferença: escravidão e desigualdade social ao sul do império do Brasileiro (Bage, c. 1820-1870), Tese de Doutorado, PPHGIS, 2016, p. 230-238.

<sup>6</sup> TANNENBAUM, Frank. *El negro en las Américas: esclavo y ciudadano*. Buenos Aires: Paidós, 1946.

<sup>7</sup> BARTH, Fredrik. *Process and form in social life*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1981.

<sup>8</sup> MARCELO, Mateus. A produção da diferença, op. cit., p.227.

O Pároco que celebrou os batismos em que Marcelino e Rita foram padrinhos foi o Vigário Joao Ribeiro Maia, além disto, quase todos os escravos da Fazenda Campo Alegre tiveram seus batismos celebrados por este pároco. Foram vários momentos em que o padre Maia foi às terras do Barão de Alfenas para batizar seus filhos, netos e escravos, tudo isto fez com que Joao Ribeiro Maia conhecesse melhor a composição social deste plantel escravista.

É provável que a presença de Marcelino e Rita em várias cerimônias de batismo tenha chamado atenção do Pároco Joao Ribeiro Maia, que de alguma forma os viam como os cativos de destacados papéis na escravaria do Barão de Alfenas.

No de 1842, Marcelino e Rita foram qualificados como Guiné em duas celebrações batismais, porém, os cerimoniais em que participaram nos anos subsequentes (até 1859), suas procedências africanas não foram mais mencionadas pelo pároco Joao Ribeiro Maia. Talvez o sumiço destas procedências possa estar relacionado a gama de relações que este casal de cativos estava envolvido, pois, além de terem vários compadres e afilhados, com certeza relacionaram com pessoas de outros segmentos da sociedade. Todo este escopo relacional fez que Marcelino e Rita assumissem novos papéis perante a comunidade.

Sem sobras de dúvidas, o universo relacional construído por Marcelino Guiné e Rita Guiné fizeram com que não fossem mais vistos como africanos bocais, e sim, como agentes já adaptados a esta sociedade escravista e católica, que tanto os influenciou, como também teve suas estruturas moldadas por esses além-mares.

## **O COMPADRIO DE FRANCISCO GUINÉ E FRANCISCA CRIOLA**

O segundo casal de cativos do Barão de Alfenas que ficaram incumbidos de educar e ensinar a doutrina crista aos inocentes escravos da região foram, Francisco Angola e Francisca Crioula. Mas antes de exercerem esta função, o seu senhor os educou na fé cristão<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> RAMOS, Donald. Teias sagradas e profanas: o lugar do batismo e compadrio na sociedade de Vila Rica durante o século de ouro. *Varia História*, Belo Horizonte, nº. 31, pp. 41-68, 2004.

Neste caso, é necessário frisar que tinha certa razão Frank Tannenbaum, na escravidão brasileira os senhores eram obrigados a proteger a integridade pessoal dos seus cativos e ensinarem a religião católica. Os escravos tinham o direito aos sacramentos da Igreja e serem considerados membros da comunidade cristão<sup>10</sup>. Deste modo, ao serem entendidos como seres portadores de alma, tinham amplas oportunidades para serem incluídos socialmente. Nas próximas linhas deste trabalho, veremos como Francisco Angola e Francisca Crioula foram incluídos na sociedade através dos sacramentos batismais.

**TABELA 2 - COMPADRES E AFILHADOS DE FRANCISCO ANGOLA**

Ano	Batizados	Pais	Mães	Senhores
1842	Procopio	Bonifacio	Marciana	Francisco de Andrade Junqueira
1843	Inacio	Adriano	Lucinda	Francisco Andrade Junqueira
1848	Francisco	-	Emereciana Crioula	João Pedro Diniz Junqueira Junior
1848	Generoza	Adriano	Lucinda Guiné	Francisco de Andrade Junqueira
1848	Vicencia	-	Maria	Francisco de Andrade Junqueira
1850	Antonio	-	Madalena	Barão de Alfenas

**TABELA 3 - COMPADRES E AFILHADOS DE FRANCISCA CRIOULA**

Ano	Batizados	Pais	Mães	Senhores
1847	Furtioza	Bonifacio	Marciana	Francisco de Andrade Junqueira
1848	Francisco	-	Emereciana Crioula	João Pedro Diniz Junqueira Junior
1850	Antonio	-	Madalena	Barão de Alfenas
1851	Barbara	-	Vicencia	Barão de Alfenas
1854	Balbina	Jose	Margarida	Barão de Alfenas
1854	Francisco	Zacarias	Vitalina	Joaquim Tiburcio Junqueira

Fonte: Registros Paroquiais de Batismo da Freguesia de São Tomé das Letras – Cúria Diocesana de Campanha, Minas Gerais.

Decidimos criar duas tabelas pelo fato deste casal de cativos terem aparecidos juntos como padrinhos em apenas duas cerimônias de batismo.

Ao contrário de Marcelino e Rita, Francisco Angola e Francisca Crioula tornaram mais diversas suas relações de compadrio, constamos que este casal aparece junto em

---

<sup>10</sup> TANNEBUAM, Franck. *El Negro el las America*, op.,. Cit., p.66, O autor considera que na América Inglesa os escravos estavam isentos de um caráter religioso, tal situação ocorreu pela falta de uma legislação específica para a escravidão na América Anglo-saxônica.

duas cerimônias de batismo apadrinhando inocentes escravos. Cada um destes mancipios foram parentes espirituais de 6 famílias escravas que pertenciam aos familiares do Barão de Alfenas aos seus parentes.

Francisco Angola foi mais requisitado na propriedade do Padre Francisco de Andrade Junqueira, filho mais velho do Barão de Alfenas. Nesta unidade apadrinou 4 crianças cativas, nas outras duas compareceu apenas 1 vez. O que significa dizer, que nesta escravaria Francisco Angola interagiu melhor com seus compadres e afilhados.

Como podemos perceber, foram várias ocasiões que Francisco de Andrade Junqueira permitiu que Francisco Angola tornasse parente espiritual dos seus cativos. Nesta propriedade foram batizadas 24 crianças escravas, Francisco Angola foi o que mais esteve presente nestas celebrações de batismo, tudo indica que o senhor desta propriedade tinha alguma afeição por este cativo, e tal apreço, era algo que vinha sendo construído desde quando Francisco de Andrade Junqueira morava nas terras de seu pai, o Barão de Alfenas, o próprio nome adotado por Francisco, talvez tenha sido uma forma de homenagear o filho do Barão.

O que podemos compreender deste caso, que além de Francisco Angola ampliar suas redes relacionais através do compadrio com outros cativos, utilizava deste recurso para fortalecer laços com um senhor que poderia lhe apoiar diante das incertezas da vida em cativo.

Ao contrário de Francisco Angola, Francisca crioula adotou outro esquema relacional, visou ao mesmo tempo duas estratégias, que consistia em fortalecer as suas relações com escravos do mesmo plantel e cativos de propriedades distintas. Como podemos observar na tabela, esta cativa apadrinou seis crianças pertencentes a distintas famílias escravas da região, a metade destes inocentes eram cativos do Barão de Alfenas, as outras pertenciam a três distintas propriedades.

Percebe-se que a rede de compadres de Francisca Crioula diferiu um pouco do seu companheiro, Francisco Angola, optou em apadrinhar (coma a aprovação de seu senhor) um número expressivo de crianças que pertenciam apenas um plantel. Francisca crioula também adotou o mesmo recurso, porém, soube expandir as suas relações, pois foi madrinha em três distintas escravarias, uma destas propriedades encontrava-se em outro Distrito do Termo de Baependi, região conhecida como São Sebastião da Encruzilha.

A criança que foi apadrinhada por Francisca Crioula nesta localidade pertencia ao Coronel Joao Pedro Diniz Junqueira, sobrinho do Barão de Alfenas e proprietários da fazenda da Cruzília, unidade produtora de alimentos que contava com 162 escravos. Nota-se que além de Francisca Crioula ter seus laços sociais mais diversificados do que seu companheiro, tinha maior mobilidade espacial.

Enfim, o que podemos entender destas relações, que apesar de Francisco Angola e Francisca Crioula estarem unidos, em certos patamares de suas vidas, galgaram diferentes escalas sociais<sup>11</sup>, pois cada um adotou um tipo de estratégia relacional na intenção de estarem em melhores situações na hierarquia do cativo.

Além do mais, apesar de estarem casados e dividirem o mesmo ambiente de cativo, não eram iguais, como foi visto pelas suas relações de compadrio, estiveram implicados em distintas situações sociais que exigia que tomassem decisões diferentes. Como bem observou Fredrik Barth, pessoas situadas em posições diferentes podem acumular experiências particulares e lançar mão de diferentes esquemas de interpretação, ou seja, podem viver juntas, mas mundos diferentemente construídos<sup>12</sup>. Com isto queremos dizer que o cativo não era baseado em experiências comuns, mas em múltiplas realidades sociais.

## **O COMPADRIO DE LINO CRIOULO E LEONARDA PARDA**

Lino Crioulo e Leonarda Parda serão os últimos escravos do Barão de Alfenas a serem examinados neste trabalho. Correlação aos dois casais de cativos que analisamos nos tópicos anteriores, Lino e Leonarda foram os que menos apadrinharam crianças escravas, porém, suas relações e trajetórias quando comparada as outras, tornam as situações até aqui examinadas mais complexas.

Lino Crioulo e Leonarda parda tiveram apenas um filho, foram seus compadres, Bernardino, escravo do Barão de Alfenas e Generosa, cativa da casa do Sargento Mor José Ribeiro da Luz. Abaixo temos uma tabela que demonstra as escravarias que este casal de escravos foram padrinhos.

---

<sup>11</sup> LEVI, Giovanni. Prefácio. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de e ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2009.

<sup>12</sup> BARTH, Fredrik. *Por um maior naturalismo na conceptualização das sociedades*, 2000, p. 176.

**TABELA 4- COMPADRES E AFILHADOS DE LINO CRIOULO E LEONARDA PARDA**

Ano	Batizados	Pais	Mães	Senhores
1857	Arcenio	Simplicio Crioulo	Olimpia Crioula	Antonio Gabriel Junqueira
1856	Germano	Fideles	Januaria	Gabriela Amelia de Azevedo Junqueira (dona)
1856	Procopio	Luis	Constância	Jose Ribeiro da Luz (major)
1854	Zacarias	Bernardino	Bernardina	Pudenciana Umbelina de Azevedo (dona)
1855	Antonio	Francisco	Francisca	Barao de Alfenas
1857	Miguel	Rodrigo	Lucinda	Joaquim Tiburcio Junqueira
1858	Jose	Antonio	Lucinda	Barao de Alfenas

**Fonte:** Registros Paroquiais de Batismo da Freguesia de São Tomé das Letras – Cúria Diocesana de Campanha, Minas Gerais.

Lino crioulo e Leonarda parda não destoaram dos outros cativos, também batizaram escravos que pertenciam ao Barão de Alfenas e aos seus parentes, no entanto, foram os escravos da fazenda Campo Alegre que mais exploraram da mobilidade espacial oferecida pelas relações de compadrio, seus afilhados pertenciam as unidades localizadas em outras regiões do termo de Baependi. Ao ligar a compadres de outras fazendas sugere que o compadrio era um pouco mais independente da ingerência do senhor, mas as sociabilidades dos escravos não deixavam de serem controladas.

Grande parte dos historiadores que se dedica a estudar o parentesco espiritual indica que olhar senhorial sobre as ações dos escravos apresentava um limite<sup>13</sup>. Na fazenda de Campo Alegre a maioria dos cativos foram batizados na Capela desta unidade, quase todas as cerimônias ocorreram de forma coletiva. O batismo de Francisco, filho de Lino Crioulo e Leonardo parda foi celebrado no oratório do Campo Alegre, ou seja, recebeu água benta do batismo separadamente de outros cativos. Isto

<sup>13</sup> SLENES, Robert W. *Na senzala, uma Flor: esperanças e recordações na formação da família escrava - Brasil Sudeste, século XIX*, Campinas: Editora da Unicamp, 2011 [1999]; Stuart B. Schwartz, "Abrindo a roda da família: compadrio e escravidão em Curitiba e na Bahia", in Stuart B. Schwartz, *Escravos, roceiros e rebeldes* (Bauru: EDUSC, 2001 [1992], pp.263-92; Cacilda Machado, *A trama das vontades: negros, pardos e brancos na construção da hierarquia social do Brasil escravista*, Rio de Janeiro: Apicuri, 2008; Carlos de Almeida Prado Bacellar, "Criando porcos e arando a terra: família e compadrio entre os escravos de uma economia de abastecimento (São Luís do Paraitinga, Capitania de São Paulo, 1773-1840)", *Anais do 3º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional* (Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007)

é prova que os pais desta criança mantiveram relações muito próximas com o Barão de Alfenas.

As relações de compadrio dos escravos da Fazenda Campo Alegre, foram acompanhadas de perto pelo Barão de Alfenas ou por alguém de sua mais inteira confiança. No caso de Lino Crioulo e Leonarda parda batizaram escravos de outras regiões, a ingerência senhorial foi mais rígida. Torna-se pertinente pensar que estes cativos tivessem plena consciência dos indivíduos com quem pudessem estabelecer relações de compadrio, sem que a escolha pudesse ser vetada pelo Barão de Alfenas.

O rigor que o Barão de Alfenas tinha sobre as relações dos seus cativos, talvez possa estar relacionada a um traumático episódio que ocorreu em sua fazenda no ano de 1833. Na sede desta unidade ocorreu uma revolta escrava que deixou vários feridos e mortos, uma desta vítima foi o seu filho o Juiz de Paz, Gabriel Antônio Francisco Junqueira, que morreu em confronto com um escravo<sup>14</sup>.

É provável que o Barão de Alfenas tenha tirado alguns ensinamentos desta revolta, tornando-se mais cauteloso e rigoroso com seus cativos, prova disto, consiste na iniciativa deste senhor autorizar que seus escravos mantivessem somente relações de compadrio com os escravos que pertencia às propriedades dos seus parentes, porém, a mobilidade espacial destes cativos não foi vetada.

No Município de Franca durante o século XIX, Ricardo Alexandre Ferreira observou que apesar da violência dos senhores e da vigilância das autoridades, os escravos não tiveram suas mobilidades espaciais interrompidas, de acordo com o autor, tanto os senhores como seus familiares mais próximos mantiveram em geral, um contado diário e direto com seus cativos. No dia-a-dia da relação com os seus amos os cativos paulatinamente ampliavam a sua autonomia. Furtivas andanças pelos mais variados horários e locais, relações amorosas e de sociabilidades não consentidas ampliavam-se até ser efetivamente interrompidas pelo senhor, que não raras vezes receberam do senhor respostas violentas, embora nem sempre imediatas<sup>15</sup>.

No que confere esta mobilidade espacial, Lino Crioulo e Leonarda parda foram os escravos do Barão de Alfenas que mais andaram pelas propriedades sul-mineiras, e

---

<sup>14</sup> ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Rebeldia e resistência: as revoltas escravas nas províncias de Minas Gerais*. Dissertação Mestrado. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1996.

<sup>15</sup> FERREIRA, Ricardo Alexandre. *Senhores de poucos escravos: cativo e criminalidade num ambiente rural, 1830-1888*- São Paulo: Editora Unesp, 2005, p. 154-155.

o compadrio os possibilitaram de tornarem suas relações menos endógenas, com a permissão do seu senhor, foram até a Freguesia de Carracas, na Capela do Engenho da Prata para apadrinhar o inocente Zacaria, filho de Bernardo e Bernardina, cativos de Dona Prudência Umbelino de Azevedo. Esta senhora foi madrinha do inocente Gabriel, neto do Barão de Alfenas e filho de Joaquim Tibúrcio Junqueira. Entende-se que o compadrio entre estes cativos, servir para que estas famílias estreitassem os seus laços.

## CONCLUSÃO

A fazenda Campo Alegre, propriedade do Barão de Alfenas serviu-nos como pano de fundo para o empreendimento de um novo esforço de investigação e experiências familiares dos escravos do Distrito de São Tomé do Termo do Baependi. Afastando do enfoque serial, optamos por percorrer o caminho da microanálise das práticas do compadrio dessa propriedade, percebemos que os cativos que foram examinados neste trabalho envolveram-se complexos laços de sociabilidade.

Foi possível demonstrar que cada casal de escravos analisados tecera distintas redes de compadrio, cada um utilizou de diferentes estratégias para estarem em melhores situações na hierarquia social do cativo. Isto nos revelou que esses escravos na Fazenda Campo Alegre vivenciaram distintas experiências e relações. Além disto, foi possível perceber que estes casais de cativos vieram de distintos lugares sociais, no qual percorreram diferentes caminhos atingindo diferentes patamares.

Houve situações que uns destes casais de escravos (Francisco Angola e Francisca Crioula) não compareceram as mesmas pias batismais, em algumas ocasiões apadrinharam crianças cativas na companhia de outras pessoas. Neste caso é possível imaginar, que os pais dos batizados conseguiram ver diferenças neste casal, isto nos faz pensar pelo fato dos cativos estarem unidos não se encontravam na mesma posição social do cativo. Ao longo da vida, Francisco Angola e Francisca Crioula receberam muitos papéis que fizeram com que caminhassem em escalas diferentes fazendo uso de distintos recursos. Cremos que não estamos diante de um caso excepcional, acreditamos que este tipo de situação tenha ocorrido com outros casais de escravos que em alguns momentos de suas vidas decidiram atuar individualmente no intuito de tornar mais amplo o leque de possibilidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites Regionais e a Formação do Estado Imperial Brasileiro: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.
- BARTH, Fredrik. *Process and form in social life*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1981.
- FARIA, Sheila de Castro. *Sinhás pretas, damas mercadoras: as pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e de São João Del Rey (1700-1850)*. Niterói: UFF, 2004. (Tese apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense – Concurso para Professor Titular em História do Brasil).
- FARINATTI, Luis A. E. *Os compadres de Estêvão e Benedita: hierarquia social, compadrio e escravidão na fronteira meridional do Brasil (1821-1845)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH – São Paulo, 2011.
- FERREIRA, Ricardo Alexandre. *Senhores de poucos escravos: cativo e riminalidade num ambiente rural, 1830-1888-* São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- FRAGOSO, Joao R. L. “Capitão Manuel Pimenta Sampaio, senhor do engenho do Rio Grande, neto de conquistadores e compadre de João Soares, pardo: notas sobre uma hierarquia social costumeira (Rio de Janeiro, 1700-1760)”. In: FRAGOSO, João e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs). *Na Trama das Redes: políticas e negócios no império português, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LEVI, GIOVANNI. *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MATEUS, Marcelo Santos. *A produção da diferença: escravidão e desigualdade social ao sul do império do Brasileiro (Bage, c. 1820-1870)*, Tese de Doutorado, PPHGIS, 2016.
- RAMOS, Donald. “Teias sagradas e profanas: o lugar do batismo e compadrio na sociedade de Vila Rica durante o século de ouro”. *Varia História*, Belo Horizonte, nº. 31, pp. 41-68, 2004.
- TANNEUBAUM, Frank. *El negro em las Americas. Esclavos e Ciudadano*. Editora: Pianos. Buenos Aires. 1846.

---

**Juliano Tiago Viana de Paula**

Mestre em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

---